

Estudos de numismatica colonial portuguesa

4. O supposto meio atia de 1828

Esta moeda veiu mencionada no catalogo de uma collecção que fôra organizada em Bombaim por um numismata, cujo nome ainda hoje se conserva cuidadosamente occulto.

A collecção, composta de moedas indo-portuguesas pela maior parte vulgares, parece que foi expressamente criada para ser dispersa no leilão de 8 de Maio de 1896, que se realizou em Amsterdam por intervenção do perito (*expert*) J. Schulman¹, de Amersfoort.

A pag. 4 do catalogo, sob o n.º 52, lê-se o seguinte: «Pedro IV. 1828. 10 Bazarucos. Ecoisson couronné, très curieux, sans marque d'atelier. Très beau. Inédit et fort rare. Étain».

Fig. 1.^a

Esta raridade exquisita pesa 11^g,25. Foi adquirida pelo Sr. Julio Meili, de Zürich.

Decorrido mais de meio seculo, a moeda appareceu perante a numismatica sem dizer de onde vinha; guarda o anonymo, como os adventicios que transitam de país em país sem passaporte, sob a capa do incognito.

O Sr. Meili considera o exemplar de authenticidade duvidosa; nós, porém, vamos mais longe.

Todas as moedas de calaim fabricadas em Diu mostram a respectiva marca monetaria D-O, com as variantes D-C, O-C e O-O. Deve considerar-se falsa qualquer de taes moedas que não tenham marca? Responderemos affirmativamente.

Trata-se de um dos productos da fabrica clandestina de Unã, antigamente Suna, que demora cêrca de 10 kilometros de Diu, em territorio inglês.

¹ *Collection fort intéressante de monnaies des Indes portugaises et britanniques, etc.*, folheto da 7 pag., s. l. n. d.

O Sr. Jeronymo Quadros, na monographia que publicou em Nova Goa, 1899, intitulada: *Diu, apontamentos para a sua historia e chronographia*, em nota a pag. 112, refere-se a Unã, que diz que suspeita ser o foco de onde irradiaram moedas falsas, que a praça de Diu tolerou durante largos tempos. A *suspeita* do distincto escritor indiano é para nós amavel modificação da *certeza*. Assim pensamos, sem que por qualquer principio nos mova a intenção de melindrar susceptibilidades.

O estrangeiro que examinar o reverso da moeda apenas reconhecerá que a fabricaram em 1828 para circular em povoações christãs, se desconhecer a numismatica indo-portuguesa, porque ao typo do anverso não poderá ligar qualquer ideia monetaria—tão estranho elle é! Não foram necessarias series de transformações successivas para que um escudo de armas se tornasse irreconoscivel; como certas criações de cerebros enfermos, nasceu deformado. A semcerimonia da critica humoristica julgará ver um caixilho de janella antiga, com a respectiva vidraça, que, por acaso, foi encostado a um tapume de ripas, cujas extremidades ficaram visiveis. E esta ficção, que um mestre de obras talvez acceitasse como emblema allusivo ao seu officio, pretendeu representar o escudo de armas de Portugal!

Compare-se o anverso da moeda de 1828 com outra de igual valor, de 1827, representada na fig. 2.^a, rarissima, que tambem pertence ao Sr. Meili.



Fig. 2.^a

Nesta moeda as armas de Portugal são quasi recognosciveis, não obstante os castellos serem representados por pontos e as quinas figurarem como se estivessem *envidraçadas*. Vê-se o typo caracteristico dos calains de Diu, usado desde 1748. A marca O—O existe. Pesa 7^{gr},92 e tem authenticidade indubitavel.

A este meio atia foi arbitrado o valor de 10 bazarucos, metade do atia do mesmo metal, que em Diu teve a denominação indigena de *jamnin*, 20 bazarucos, ou 12 réis, valor que foi insignificante. Quarenta d'estas moedas equiparavam-se a uma rupia; e nesta proporção

o peso de 700 grammas de calaim ¹ estava para 8 grammas de prata do titulo de 11 dinheiros ².

Creemos que em 1828 não houve moeda legal de 10 bazarucos que formasse serie com os valores de 20 e de 5 bazarucos; ella não existe nas collecções dos numismatas orientaes. E esta falta é bem significativa.

Ponderando que a sciencia tem estudado e archivado sem repugnancia *denarii* falsos, mumias de ferro com couraças de prata, que alguns Cesares romanos offereceram á boa fé popular, é positivo que devemos respeitar falsidades monetarias que tiveram no seu tempo vida propria, evidenciada pelo cerceio, pelo gasto e por outros indicios que não escapam aos olhos do numismata experiente. O supposto meio atia de 1828, por esta razão, está muito bem recolhido e estimado.

Como se vê na fig. 2, o fabrico da moeda de Diu foi irrisorio. O povo, inhabil para reconhecer a verdade, aceitou todo o metal amoe-dado, tendo-se munido com a resignação dos verdadeiros crentes.

As ultimas emissões de calaim datam de 1828.

No reinado de D. Luis recolheram toda a *bazarucada*, que foi substituida pelo cobre de cunhos maratas. A substituição considerou-se vantajosa, porque dava ao commercio entre outras cauções a da exportação, que não existia para a moeda de calaim. Os administradores da Fazenda Nacional em Goa entregaram ao cuidado de estrangeiros o encargo, e a metropole aceitou sem reparos os factos consummados.

Em 1890 a moeda recolhida em Diu foi transferida para o cofre de Nova Goa. Era enorme a quantidade de kilogrammas de metal, absolutamente inutil para outra applicação. Por este motivo o deposito tem sido facultado amavelmente aos numismatas europeus, recém-chegados á capital da colonia, que se propõem iniciar a conquista do antigo numisma indiano, e ainda áquelles infelizes naturaes do país que soffrem o castigo de satisfazer a encomendas dos colleccionadores de Portugal.

Informações fidedignas habilitam-nos a declarar que ali apenas existem exemplares de 20 bazarucos de 1748, 1765, 1777 e 1799. Os devotos tem diminuido consideravelmente a quantidade das reliquias (aviso a futuros pretendentes!), e tempo ha de vir em que de tão vasta

¹ Para este calculo reunimos 10 exemplares de 20 bazarucos da nossa collecção, dos annos de 1748, 1765, 1777, 1799, 1800, 1801, 1827 e 1828, sendo dois d'elles variantes nestas ultimas datas.

² Diversos exemplares da rupia de Diu de 1841, que examinámos, não tem pesos superiores a 8 grammas, ainda mesmo os que se conservam menos cerceados.

opulencia apenas existirá saudosa memoria, se o estudo da numismatica portuguesa tomar maior incremento, o que é de suppor, em vista de quanto vae progredindo dia a dia.

Lisboa, Novembro de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Recentes aquisições do Museu Ethnologico Português

O Museu Ethnologico Português acaba de fazer aquisição de algumas antigualhas de valor, todas provenientes do concelho dos Arcos de Valdevez. Estão reunidas e confiadas á boa guarda de alguém d'aquella localidade até que passem ao Museu, o que se effectuará com brevidade.

1.^a—Em primeiro logar adquiriu-se uma tampa de sepultura medieval, tampa inteiramente lavrada de desenhos um tanto rudes, que parecem obedecer ao estylo ornamental visigodo. Esta antigualha é de extrema raridade em Portugal, onde aliás tudo quanto possa ser producto da arte dos barbaros já constitue singularidade.

A pedra é concavò-convexa, abaúlada, trapezoidal, e deveria ter sido cobertura de carneiro de pedra. Os desenhos, traçados ao picão ou ao cinzel, constam de zigue-zagues, de circulos concentricos e do contorno rudimentar de um busto, visto de frente. Se nisso não houvesse um anachronismo flagrantissimo, o estylo e o genero da ornamentação poderiam dizer-se da epoca de bronze; taes apparecem em objectos d'esta origem. Está muito bem conservada esta reliquia, cuja derradeira applicação era não menos que servir de pia de bácoros, no eido de Bento Manoel Dantas, na freguesia de Santa Vaia. A seu tempo farei mais circunstanciado estudo d'esta pedra.

2.^a—Da mesma natureza, entra no Museu outra antigualha. Mas esta não se acha inteira, infelizmente. É o troço central de outra tampa de sarcophago medieval, onde se vêem certos relevos um pouco desfigurados pelo duradouro perpassar de pés calçados, os quaes relevos parecem representar, no que resta, braços de figura jacente.

É tambem abaúlado e concavò-convexo, mas talvez rectangular. Conheço a sua proveniencia; foi encontrado nos rocios de uma igreja rural, de muito remota origem, pois supponho ser ella uma das *villas* referidas num documento do sec. x, que transcreve a *España Sagrada*. Servia a pedra de bica ou gárgula de um rego, quando, um dia, por ver tamanha pedra em tão simples mister, a suspeitei e a quis examinar. Foi-me immediatamente offerecida pelo dono, o Ex.^{mo} Sr. João Augusto